

FRONTEIRA ETERNA

E OUTROS CONTOS IMAGINADOS

DANTAS GUERRA

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2020

JOGATINA

O Sr. Teixeira, assim chamado por quem o conhecia, era nosso anfitrião. Reuníamos-nos em sua mansão no bairro da Castanheira, às tardes de domingo, para nossas habituais partidas de canastra.

Para chegar lá não era difícil. O casarão erguia-se acima de um pequeno monte e oferecia uma vista privilegiada da cidade. A arquitetura, tipicamente portuguesa, lembrava o passado imperial e impunha-se altiva sobre os casebres que se amontoavam ao redor.

Teixeira era um homem endinheirado e, por isso, dispunha de um grande salão que, para além de mostrar aos convidados sua riqueza e bom gosto, era perfeito para reuniões e jogatinas. Toda a sorte de gente passava por lá, os portões de ferro estavam sempre abertos. Não era difícil encontrar algum viajante perambulando, quem sabe admirado, pelos jardins verdejantes.

O grupo de canastra era composto por quatro integrantes: eu, o Sr. Teixeira, o engenheiro e o professor Branco. Às vezes, algum estrangeiro dava às caras, mas desaparecia após perder alguns trocados. Quando um de nós faltava, revezávamos as

duplas jogando em três, cada um por si, e se estivéssemos apenas em dois, jogávamos da mesma forma. Assim, nunca perdíamos uma partida.

Tão logo nos víamos, corríamos para sentar nas cadeiras estofadas, muito confortáveis, que rodeavam a mesa quadrangular de mogno. A luz do sol entrava pelas janelas da sala sem pedir permissão, rivalizando com a claridade do lustre que pendia do teto. Nossos sapatos, incrustados de poeira e lama seca, descansavam despreocupados sobre os tapetes turcos.

Enquanto as cartas rolavam, servíamos-nos de um cafezinho e cigarros, sempre acompanhados de algum assunto ligado à política. Muitas vezes, nos deparávamos com o maço vazio antes do final da primeira partida. Sabíamos que, enquanto durasse a conversa, o tabaco se manteria aceso, consumindo-se ao ritmo das palavras. A verdade é que, na maioria das vezes, não tínhamos grandes discussões. Limitávamo-nos a relembrar histórias contadas antigamente, pelo povo. Eu, que catalogava tudo, não deixava de trazer um recorte ou outro de jornal para que pudéssemos comparar as manchetes aos relatos. Isso mexia com o discurso dos mais convictos e me causava problemas diante daqueles que não viam o jornalismo com bons olhos.

Àquela altura, já fazia algum tempo que eu não aparecia na Castanheira. A última vez que lá estive me meti numa briga com o Sr. Teixeira. Saí de sua casa, nervoso: “— O senhor é um homem pequeno, Senhor Teixeira! Um homem pequeno e mesquinho...”. Imaginem o que tinha me acontecido! A verdade é que não sou mau perdedor, quando o jogo é justo.

Confesso que, desde o começo, tive uma má impressão sobre aquele senhor. Havia qualquer coisa nele que me lembrava um cigano: era baixinho, moreno, de quadril largo e arredondado, óculos estilo *pince-nez*, careca, rosto de tartaruga. Vestia sempre uma camisa de botões que deixava aberta até o umbigo só para mostrar, em meio ao tórax, a corrente de ouro pendurada pelo pescoço. Ele era conhecido por ter a língua solta. Falava muito e, ademais, era extremamente vulgar. Fazia bem o tipo daqueles que vem de baixo e que, ao ver o brilho das moedas sobre as mãos, não têm olhos para outra coisa. Afirmava ter feito fortuna em Paris, no ramo imobiliário, mas todos nós sabíamos que, na verdade, ele era dono de um dos cabarés da cidade.

Lembro que, quando postos à mesa, ao lançar das cartas, o silêncio se fazia soberano e nos concentrávamos apenas em naipes de reis e rainhas. Mas Teixeira, sem mover os olhos e com um chiado insuportável na voz, logo soltava alguma palavra em francês: “— *Monsieur*, jogue a carta, *s’il vous plaît!*”. E sorria com os dentes amarelos e os olhinhos diminutos, umedecidos de alegria, ao ver a carta pousar sobre o monte como se já soubesse de antemão o que lhe vinha.

No breve descanso entre uma partida ou outra, o homenzinho monopolizava a conversa. Entre exaltações sobre seu caráter, não falava outra coisa que não fossem suas impressões sobre a França. O Montmartre isso, o Montmartre aquilo, os bares, as noites de festas... Emocionava-se com a própria voz, levantava, gesticulava, repetia o que tinha dito na semana anterior e acabava sempre com a mesma frase: “— As mulheres de Paris... Ah! *Mes amis*, as mulheres de Paris...”.

Aí fazia uma pausa. A entonação da voz diminuía até atingir o vazio do silêncio. Naquele momento, suas pálpebras baixavam-se, o olhar mirava o chão; parecia sentir o perfume perdido de uma lembrança. Porém, logo em seguida, a voz cortava os ares num estouro repentino: “— Sem dúvida, as mais belas do mundo!”.

Eu ficava em silêncio, ouvindo suas divagações como se fosse parte de uma história distante. Nem de longe tinha condições para ir à França. Restava me imaginar rodeando as margens do Sena, sem pensar em mais nada a não ser no fato de estar ali. Mas, sem demora, meus devaneios eram trocados pela concentração total no jogo.

Ao declínio do sol, Teixeira contabilizava as baixas e os lucros, e, se tivesse ganhado alguns trocados, convidada a todos para um *rendez-vous*. Ao ouvir a recusa de algum de nós, insatisfeito com o resultado do jogo, respondia com um ar de humildade forçada: “— Ora, veja bem *monsieur*, eu estava apenas querendo mostrar como sou um homem bom e honesto...”.

Durante um desses *rendez-vous*, inesquecível outono, em que todos participamos, o professor Branco irritou-se ao ouvir Teixeira defender o Regime Militar:

— “Regime” militar? Belas palavras para uma ditadura.

— Ora, *monsieur professeur*, sejamos francos, aquilo nem de perto foi uma ditadura. Eu servi às tropas do Exército. Na minha família, ninguém sentiu passar aquelas duas décadas. Folhas ao vento! Por acaso, morreu algum dos seus, *professeur*?

— Não. Mas me compadeço dos que foram torturados e assassinados pelos militares.

— *Ennemis!* Isso é o que esses aí eram.

— É saudosista do Regime, Sr. Teixeira? — perguntei, interrompendo-me na conversa.

— Aí vem outro com essa história de “Regime”. Agora são dois fascistas!

— Olha só! Me acusa do que você é, Branco — respondi, esmagando o cigarro no cinzeiro. — Já não se pode fazer uma pergunta sem ser acusado?

O engenheiro não quis tomar partido na discussão daquela tarde.

Após esse dia, foi muito difícil nos reunirmos mais uma vez os quatro em um bar. Somente as cartas tinham o poder de fazer a gente esquecer as nossas diferenças políticas. O dinheiro na mesa, a aposta e a sensação de uma possível vitória transformavam nossos ideais em coisas sem importância.

Na tarde em que discuti com Sr. Teixeira, eu tinha perdido mais de cem reais — um dinheiro que me fazia falta. O engenheiro, ao meu lado, perdeu ainda mais. Porém, nunca demonstrou se importar com a baixa financeira; estava ali para passar o tempo, divertir-se — ou para fugir da esposa, como todos diziam. Diferente de mim e do professor, o engenheiro tinha dinheiro suficiente para desperdiçar na jogatina sem sofrer do remorso dos perdedores.

Já Branco tinha o sangue quente. Quando perdia, enrubescia de nervoso. Saía da sala para fumar um ou dois cigarros ao ar livre, próximo à rua. Depois de cinco minutos, voltava animado, falando em tom jocoso: “— Se é para falar da França, Teixeira, eu, como um autêntico Jacobino que sou, devo

cumprir meu dever. Embaralhe as cartas. Se eu encontrar um rei, decepo-o...”. Dessa forma, entre piadas e polêmicas, passávamos as tardes dos finais de semana, sem nos importarmos com a majestosa presença do relógio carrilhão que movia seu pêndulo, indiferente, no canto da sala.

Porém, por mais que eu sentisse raiva do Sr. Teixeira, pois sabia que ele tinha me roubado, eu precisava jogar. Há qualquer coisa na canastra que me impede de deixá-la. As cartas são o meu maior vício. Quando não jogo, sofro de uma inquietude extrema.

Domingo passado, cheguei mais cedo à Castanheira, talvez um pouco arrependido por ter dito aquelas palavras ao nosso anfitrião. Mas, no fundo, eu sentia apenas vontade de dar o troco em uma boa partida. Eu não perderia dessa vez. O próprio Teixeira veio à porta me receber.

— Ah, você veio *monsieur* Roberto — disse ele, ajeitando os óculos sob o nariz bronzeado. — Pensei que, depois daquele dia, não o veria mais.

— Às vezes a gente perde a cabeça, você sabe... — respondi, tentando parecer natural.

— Talvez você tenha mais sorte hoje. O *monsieur* engenheiro e o *professeur* já devem estar chegando.

A campainha tocou em seguida.

— Veja lá! Aí estão eles — afirmei.

Pela porta, porém, entrava apenas o engenheiro.

— E o *professeur*, onde está? Julguei que viria.

— Parece que tinha reunião urgente no Partido — respondeu o engenheiro.

— Ah, esses comunistas estão sempre tramando... Fazemos como, então? Jogamos em três?

— Falando nisso, você pertence a qual partido, Roberto? — perguntou-me o engenheiro.

— Meu partido é uma partida de canastra.

Para mim, comunistas, socialistas e conservadores eram tudo farinha do mesmo saco. Aprendi que política é um jogo sujo. O bom das cartas é que elas não falam e não incomodam. Minha aliança é com a sorte.

— Olhem aqui, *mes amis*, nunca quis falar, mas já que estamos nesse assunto... Não gosto de comunistas. Já fui um. Tenho o Manifesto do Partido Comunista em *français*, mas hoje sei que tudo não passava de uma brincadeira de adolescente. Não passam de um bando de desvairados. Não há, para mim, melhor partido do que o dinheiro.

— *Exactement!* — ironizei.

— Essa conversa toda me faz lembrar o padre Tomás. Lembra dele? Velho, mas enérgico — enfatizou o engenheiro.

— Não sei de quem se trata — indaguei. — Isso deve ter sido há muito tempo.

— Aquilo foi *terrible!* — respondeu Teixeira. — Esses comunistas estão sempre prontos para um *coup d'état*.

— Há alguns anos — prosseguiu o engenheiro sem dar atenção às palavras de Teixeira — o padre Tomás foi assassinado por membros do Partido Comunista aqui da nossa cidade. Era um homem admirável! Como você ainda não morava aqui, não sabe da história. O padre dava aulas, à noite, para as pessoas que trabalhavam de dia. Ensina-lhes matemática, português, ciências...

Isso era mau para os Comunistas. Não é difícil saber por quê. Uma vez que eles encilhem, passem as rédeas sobre o pescoço e montem no lombo no povo, dali não admitem sair mais.

Em um breve gesto de indignação, o engenheiro balançou a cabeça, e prosseguiu:

— Depois de morto, o coitado ainda foi taxado de fascista. Saiu até nos jornais. Lembro bem da manchete: “Acusado de fascismo, pároco da cidade morre após suposto atentado”. Veja você por que eu não simpatizo com jornalistas. Qualquer dia desses, trago o jornal com a reportagem.

— Mas, como foi que deram cabo dele?

— Uma bomba plantada no carro. Ah! Um velho truque...

— Me admira muito o *professeur* andar com essa gente.

— Será que ele seria capaz de algo assim?

— Não — respondeu o engenheiro, enfático nas palavras. — O Branco é nosso amigo. É da ala moderada. Não compactua com terroristas. E, também, a esquerda hoje não é mais como era.

— Melhor assim! Vamos às cartas, então?! Assuntos desse tipo me assustam. Daqui a pouco estaremos falando de militares...

— Até parece que a reunião do Destacamento de Informações do Exército foi transferida para cá — brincou o engenheiro.

— Olha o que eu acabei de dizer. Ainda vamos acabar em polêmica. O importante é que estamos entre amigos. Desavenças, só no jogo — completei, dando um fim àquele papo todo.

Sentei na cadeira mais próxima da parede. Acendi um cigarro, peguei as cartas e as embaralhei sem demora, estava

Este livro foi composto em Adobe Garamond
Pro pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em junho de 2020.
